

O CONCEITO DE *CRONOTOPO* EM BAKHTIN E O CÍRCULO: MATIZES RABELAISIANAS

THE *CHRONOTOPE* CONCEPT IN BAKHTIN'S THEORY: THE CONTEXT OF RABELAIS

Gianka Salustiano Bezerril¹
Rodrigo Acosta Pereira²

RESUMO: O objetivo do presente estudo é discutir o conceito de cronotopo a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin e sob a perspectiva da estética de Rabelais. Para tanto, revisitamos os escritos bakhtinianos acerca da obra de Rabelais, assim como as explicações do Círculo a respeito do conceito de cronotopia. Entendemos que o estudo apresenta-se relevante, à medida que contribui para os estudos e linguística e em literatura com base no escopo teórico de Bakhtin e o Círculo.

PALAVRAS-CHAVE: cronotopo; Bakhtin; Rabelais.

ABSTRACT: The present essay aims at discussing the chronotope concept from Bakhtin's Circle's theory in relation to Rabelais' esthetic. To do so, we review Bakhtin's postulations concerning the chronotope and Rabelais works. We understand that the present study is relevant because it not only contributes to the works in linguistics as well as collaborates to the investigations of literature upon bakhtinian perspective.

KEYWORDS: chronotope; Bakhtin; Rabelais.

Introdução

De acordo com Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]; 2008[1965]), o cronotopo é a porta de entrada da análise do gênero, isto é, o centro de organização dos acontecimentos espaço-temporais. Rodrigues (2001), a esse respeito, afirma que cada gênero do discurso situa-se em um determinado cronotopo: engendra-se em determinado horizonte espacial, temporal, temático

¹ Professora de Linguística da UFRN-CERES. Integrante dos grupos de pesquisa Letramento e etnografia (UFRN-DLET), Práticas linguísticas diferenciadas (UFRN-CERES). É coordenadora do Grupo de estudos interdisciplinares sobre discurso(s) (UFRN-CERES-DCSH-PROEX).

² Professor de Linguística da UFRN-CERES. Integrante dos grupos de pesquisa Letramento e etnografia (UFRN-DLET), Práticas linguísticas diferenciadas (UFRN-CERES) e Núcleo de estudos em Linguística Aplicada (UFSC-PGLg). É coordenador adjunto do Grupo de estudos interdisciplinares sobre discurso(s) (UFRN-CERES-DCSH-PROEX).
drigo_acosta@yahoo.com.br

e valorativo (axiológico, apreciativo, avaliativo); possui recortes ideológicos específicos e apresenta posições de autoria e destinatários próprios. Entendemos, dessa forma, que cada gênero possui uma orientação espaço-temporal diferente, à medida que cada gênero é determinado por condições sociais específicas que consubstanciam seu cronotopo. Bakhtin (2003[1979]), ao retomar suas considerações sobre o tempo e o espaço em Rabelais e Goethe, pontua que,

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2003[1979], p. 225, grifos do autor).

É sob essa perspectiva que objetivamos no presente ensaio discutir sobre o conceito de cronotopo à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas atuais no campo da Análise Dialógica de Discurso. Para tanto, revistamos os caminhos de discussão do Círculo a respeito de Rabelais, em especial *Questões de literatura e estética* (1998[1975]), *Estética da Criação Verbal* (2003[1979]) e *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2008[1965]).

O cronotopo em François Rabelais: o grotesco, o riso e o carnaval

Ao revisitar suas postulações sobre a cronotopia em Rabelais e Goethe, Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]) busca entender os possíveis entrelaçamentos entre vestígios ou indícios culturais e históricos que se pautam sob o âmbito da cronotopia. Ao compreender a cultura como um “sistema e em um nível mais alto de unidade orgânica: aberta, em formação, não resolvida nem previamente resolvida, capaz de morte e renovação, que transcende a si mesma” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 370), Bakhtin objetiva

compreender como organizações, instituições, esferas, nações e grupos sociais são constituídos por aspectos cronotópicos. Além disso, Amorim (2007), ao revistar as teorizações de Bakhtin sobre a cronotopia, pontua que a concepção de cronotopo refere-se ao equilíbrio que se instaura entre os horizontes espacial e temporal. Para a autora, Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]) ressignifica esse conceito da Matemática e da Teoria da Relatividade de Einstein, pretendendo delinear como se articula no discurso a indissolubilidade entre o espaço e o tempo.

Com o estudo da cronotopia, Bakhtin (1998[1975]) procura assinalar as diversas amplidões espaço-temporais que, no romance de Rabelais, se configuram. Para o autor, trata da ligação do homem com todas suas ações e peripécias com o mundo sob a luz do tempo e do espaço. Em Rabelais, longe do caráter ingênuo e próximo da polêmica e do realismo grotesco, o estudo do cronotopo conduz Bakhtin (1998[1975]; 2008b[1965]) a repensar o mundo espaço-temporal dos elementos que se entrelaçam no romance a partir de novas amplidões: “a recriação de um mundo espaço-temporal adequado, um cronotopo novo para um homem novo, harmonioso, inteiro, e de novas formas para as relações humanas.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 283). Como resultado, Bakhtin (2008b[1965]) observa que, em Rabelais, a nova forma de cronotopo, e, portanto, uma nova forma de comunicação, produz novas formas de linguagem: novos gêneros, novos sentidos, novos usos, novos conteúdos e novas relações sociais adquiriam caráter fantástico, mágico, e ao mesmo tempo grosseiro e carnavalesco.

Bakhtin (2008[1929]) assim enuncia quanto ao grotesco e ao carnaval:

Denominamos convencionalmente “realismo grotesco” ao tipo específico de imagens da cultura cômica popular em todas as suas manifestações. [...] O método de construção das imagens grotescas procede de uma época muito antiga: encontramos-na na mitologia e na arte arcaica de todos os povos, inclusive na arte pré-clássica dos gregos e romanos. (BAKHTIN, 2008[1965], p. 27).

Damos ao termo “carnavalesco” uma acepção muito ampla. Enquanto fenômeno perfeitamente determinado, o carnaval [...] revela-nos o elemento mais antigo da festa popular e pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais bem conservado desse mundo tão imenso quanto rico [de Rabelais]. Isso autoriza-nos a utilizar o adjetivo “carnavalesco” numa acepção ampliada, designando não apenas as formas do carnaval no sentido estrito e preciso do termo, mas ainda toda a vida rica e variada da festa popular no decurso dos séculos e durante a Renascença [...]. (BAKHTIN, 2008[1965], p. 189-190, grifos do autor).

Com relação específica ao *tempo* em Rabelais, Bakhtin (2008[1965]) entende que há duas dimensões: o período inicial ou arcaico do grotesco, no qual Rabelais trabalha com imagens ainda primitivas dos movimentos naturais do ciclo vital (a sucessão de estações, a semeadura, a concepção, a morte). Nessa construção cronotópica, a noção de tempo é a noção do tempo cíclico da vida natural (biológica); e o período social e histórico do grotesco, no qual, Rabelais aprofunda-se e abarca nos fenômenos sociais e históricos do tempo, isto é, as imagens primitivas convertem-se na estética da vida social cotidiana.

As festas populares puderam se tornar uma arma poderosa na apreensão artística da realidade e puderam servir de base a um realismo verdadeiramente amplo e profundo. Elas ajudam a captar a realidade não de uma maneira naturalista, instantânea, oca, desprovida de sentido e fragmentária, mas no seu processo de devir com o sentido e a orientação que ele adquire. (BAKHTIN, 2008[1965], p. 184).

Quanto às projeções de *espaço*, Bakhtin (1998[1975]; 2008[1965]) afirma que a construção espacial de Rabelais é essencialmente ligada à praça pública da cidade, às feiras populares, à praça do carnaval do fim da Idade Média e do Renascimento. Rabelais conserva com vitalidade o espaço do grotesco, do fantástico e do riso. Assim, “cada imagem [em Rabelais] [...] reflete a concepção única do mundo que se cria nas contradições, embora exista isoladamente.” (BAKHTIN, 2008[1965], p. 128). Dessa construção do espaço e do tempo, podemos entender que as festas populares, em Rabelais, não apenas se configuram como um jogo livre, alegre e de transformações, à

medida que no atravessamento do tempo e do espaço, “é o próprio *tempo* que é seu herói e autor, o tempo que destrona, ridiculariza e dá morte a todo o velho mundo (o velho poder, a velha verdade), para ao mesmo tempo dar à luz o novo.” (BAKHTIN, 2008[1965], p. 180, grifos do autor.). Para Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]; 2008[1965]), essa concepção de tempo não é um pensamento abstrato de Rabelais, mas vem diretamente ligada ao sistema tradicional de imagens das festas populares. Embora não seja criação de Rabelais, segundo Bakhtin (2008[1965]), é graças a ele que esse sistema se elevou a um grau de desenvolvimento histórico.

Em síntese, podemos afirmar que as imagens do grotesco, do riso e do carnavalesco que atravessam a constitutividade cronotópica das obras de Rabelais apresentam, de certa forma, a amplitude da realidade e da contemporaneidade de seu tempo e de seu espaço. Bakhtin (2008b[1965]) argumenta que diversos estudos sobre Rabelais na França desenvolveram a tese da relação entre suas obras e a realidade de seu tempo. As imagens espaço-temporais rabelaisianas se constroem sob a égide dos lugares familiares, conhecidos, experienciados do autor.

Como destaca Bakhtin (2008[1965], p. 392), “nesse mundo imediato [de Rabelais], tudo é individual e único, histórico. [...] É característico observar que, mesmo nas comparações e confrontações, Rabelais esforça-se sempre por citar objetos e fatos individuais, únicos na história.” Rabelais tende para a construção de objetos pessoalmente vividos e historicamente singulares, imagens do seu tempo.

Examinamos, portanto, os determinados indícios da construção espaço-temporal de Rabelais, excepcional contorno da originalidade da cultura cômica popular, discutida por Bakhtin sob a luz da cronotopia. Pudemos observar como, o mundo, sob os olhares rabelaisianos, adquire um novo sentido e uma nova realidade que estabelece com o homem, da época, um contato material e espaço-temporal. Em outras palavras, com Rabelais, “o homem se exterioriza e se esclarece inteiramente pela palavra em todas as manifestações da sua

existência.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 305). Com isso, os fundamentos do tempo e do espaço, em Rabelais, aparecem delineados nas imagens e nos temas do real transformado do novo cronotopo.

Bakhtin afirma que o cronotopo determina toda e qualquer unidade de uma obra, isto é, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis em uma obra e são sempre constituídas pela matriz da unidade. A obra abarca o cronotopo de forma integral e plena. Dessa forma, Bakhtin (1998[1975], p. 349-350) esclarece que o cronotopo é tipologicamente estável, à medida que se liga à relativa estabilidade da obra. Para o autor, em suma, o cronotopo é o centro organizador do gênero.

Segundo Bakhtin (1998[1975]; 2008[1965]), o cronotopo organiza significativamente os acontecimentos e, dessa forma, a própria relação e situação enunciativas, a qual o gênero medeia. O cronotopo é responsável pela imagem-demonstração dos acontecimentos: o espaço, o tempo, os participantes, a situação imediata, a situação ampla, graças “justamente à condensação e concretizações espaciais dos índices de tempo em regiões definidas do espaço.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 355). O cronotopo, de fato, realiza as indicações precisas sobre o lugar e o tempo da realização do gênero.

Além disso, para o autor, o cronotopo pode incluir em si atravessamentos de outros cronotopos, à medida que, em determinados casos, um cronotopo “englobador ou dominante” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 357) estabelece relações complexas e específicas com outros cronotopos.

Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. (BAKHTIN, 1998[1975], p. 357).

Bakhtin (1998[1975]) afirma que essas relações se realizam porque o caráter geral do cronotopo é dialógico. Essa confluência cronotópica, para Bakhtin (1998[1975]; 2008[1965]) não ocorre no mundo cronotópico da obra, mas esse atravessamento se concretiza no mundo do autor, e no mundo dos

ouvinte e dos leitores. Em outras palavras, a existência material da obra pode atravessar contextos históricos diversos, isto é, dada uma obra localizada no tempo e no espaço, esta flui temporalmente: “naquele tempo-espaço totalmente real onde ressoa a obra, onde se encontra o manuscrito ou o livro, encontra-se também o homem real [...], que ouve e lê o texto.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 358). A obra e o mundo nela em representação penetram no mundo real, e o mundo da realidade penetra na obra e em sua representação do real, tanto no processo de criação, quanto da representação, em uma constante renovação da obra na percepção espaço-temporal específica dos ouvintes e leitores. Sob essa perspectiva, podemos compreender que qualquer fenômeno de interpretação e, portanto, de construção de sentido, é incluído não apenas na esfera semântica, mas, sobretudo, na esfera da existência espaço-temporal. A questão central é,

Para entrar na nossa experiência (experiência social inclusive), esses significados, quaisquer que eles sejam, devem receber uma expressão espaço-temporal qualquer, ou seja, uma forma sónica audível e visível por nós [...]. Sem esta expressão espaço-temporal é impossível até mesmo a reflexão mais abstrata. *Consequentemente, qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos.* (BAKHTIN, 1998[1975], p. 362, grifos nossos).

Matizes rabelaisianos

Procuraremos nessa seção revisitar as discussões de Bakhtin (1998[1975]) especificamente ao que diz respeito à estética de Rabelais à luz “das amplidões espaço-temporais que, no romance de Rabelais, saltam aos olhos.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 282). Para tanto, reenunciaremos os postulados bakhtinianos acerca da categoria de crescimento, do realismo fantástico e do aspecto carnal do homem e a palavra.

Para Bakhtin (1998[1975]), a *categoria de crescimento* é, juntamente com a categoria espaço-temporal, uma das categorias mais fundamentais do mundo de Rabelais. Bakhtin discute que tudo o que é precioso, ou caracterizado

positivamente, passa, na estética de Rabelais, a existir o maior tempo possível. Em outras palavras, “tudo o que positivo e qualitativamente significativo é inevitavelmente dotado de forças que permitem essa expansão espaço-temporal [...]” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 282-283). Em oposição, tudo o que é considerado qualitativamente negativo, mesquinho ou lastimável deve ser aniquilado. Como explica o autor,

[...] tudo o que é bom cresce em todas as relações e em todos os sentidos, não pode deixar de crescer, pois o crescimento é inerente à sua própria natureza. O mal, por outro lado, não cresce, mas se degenera, empobrece, perece, e, nesse processo, ele compensa sua precariedade real pelo falso ideal do além. A *categoria de crescimento*, além do crescimento espaço-temporal, é uma das categorias mais fundamentais do mundo rabelaisiano. (BAKHTIN, 1998[1975], p. 283, grifos do autor).

Bakhtin explica que as imagens que Rabelais constrói estão, de certa forma, desproporcional à visão da Igreja Feudal, cujos valores são opostos à realidade espaço-temporal como um parâmetro fútil, frágil ou pecaminoso. De acordo com o autor, “a tarefa de Rabelais é limpar o mundo espaço-temporal dos elementos que o corrompem, da visão do além, da interpretação simbólica e hierárquica desse mundo em vertical, do contágio da *antiphysis* que nele penetrou.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 283, grifos do autor). Rabelais, segundo Bakhtin, procura recriar um mundo novo, um cronotopo novo, uma relação espaço-temporal nova, para projetar novas formas para as relações humanas.

Como bem sintetiza Bakhtin (1998[1975], p. 283), “esta combinação de problemas polêmicos e positivos – problemas de purificação e reconstituição do mundo real e do homem – determina as particularidades do método literário de Rabelais, a originalidade do seu realismo fantástico.”



Pantagruel bebê. Fonte: <http://laranjassumus.blogspot.com/2011/07/rl-gargantua-e-pantagruel.html>



O gigante Gargântua, ilustração de Gustave Doré, 1873. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pantagruel>

A essência do *realismo fantástico*, para Bakhtin, em Rabelais, consiste especificamente na destruição dos laços habituais e na construção de

vizinhanças inesperadas. Assim, o autor esclarece: “Rabelais apóia-se no folclore e na antiguidade, onde a vizinhança das coisas correspondia mais à sua natureza, onde as convenções falsas e o ideal do além eram desconhecidos.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 284). O que Bakhtin explica é que Rabelais procura alterar a natureza verdadeira, isto é, com a destruição d laços comuns, Rabelais vai ao encontro de um ideal de outro mundo, do mundo outro. Rabelais procura, em termos bakhtinianos, romper falsas relações hierárquicas, destruir e reconstruir o falso quadro do mundo, “era preciso justapor e reunir o que fora falsamente desunido e afastado, e também separar o que fora falsamente reunido [...] um novo quadro do mundo [...]” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 284).

Este novo quadro do mundo opõe-se polemicamente ao mundo medieval, em cuja ideologia o corpo humano é concebido somente sob o signo da corrupção e da aniquilação, em cuja prática cotidiana real reina uma licenciosidade corpórea, grosseira e suja. A ideologia não explicava nem comentava a vida corporal, ela a negava; portanto, desprovida de palavra e de sentido, a vida carnal só podia ser licenciosa, grosseira, suja e autodestrutiva. Havia um abismo incomensurável entre a palavra e o corpo. (BAKHTIN, 1998[1975], p. 285).

Como Bakhtin esclarece, o *corpo humano* é apresentado por Rabelais sempre sob o âmbito anatômico, fisiológico e filosófico-natural durante todo o romance, por exemplo, em *Pantagruel* (RABELAIS, 1968) e *Gargântua* (RABELAIS, 1969). Bakhtin (1998[1975], p. 285) explica que o corpo humano, na estética rabelaisiana, apresenta-se como certo mediador do mundo, “do seu peso real e do seu valor para o homem.” Em outras palavras, Rabelais procura construir o novo cronotopo do homem em volta de um “homem corporal”, a partir da zona de contato entre esse homem e seu “novo” mundo, um mundo corpóreo. “Por isso, Rabelais opõe o aspecto carnal do homem [...] não só à ideologia medieval ascética do além, mas também à prática medieval licenciosa e grosseira. Ele quer devolver ao corpo a palavra [...]” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 285). Após essa breve discussão da estética de Rabelais,

direcionemos nossa discussão à relação entre cronotopia e exotopia.

O cronotopo e a exotopia

Bakhtin (2003[1979]) explica que quando contemplamos o outro, nossos horizontes concretos vivenciáveis não coincidem, isto é, enquanto sujeito singular e insubstituível ao contemplar um homem situado fora e diante de mim, nossas visões de e do mundo não são coincidentes. Ainda, o autor afirma que, mesmo em qualquer situação de proximidade que este outro esteja em relação a mim, “sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 21).

Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em todo único e tornar-se uma só pessoa. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 21, grifos nossos).

Bakhtin (2003[1979]) esclarece que o excedente de visão em relação ao outro, essa instância *exotópica* que se constrói entre mim e o outro, é sempre condicionado pela insubstitutibilidade do meu lugar no mundo, à medida que nesse espaço-tempo, em que me coloco como único em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. Com isso, essa constitutividade exotópica entre mim e o outro, isto é, o excedente da minha visão condicionado pelo outro em relação a ele mesmo, determinam as ações que pratico e os julgamentos que faço em relação a outrem.

Além disso, essas ações éticas e juízos de valor não podem abstrair a singularidade concreta da posição que o sujeito, ao qual destino meus atos e os juízos, ocupa na existência, contudo, este outro, para quem minhas ações éticas se destinam, condiciona certa intensidade de minha atividade. Com isso, “o excedente de minha visão em relação ao outro condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas e externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no

lugar que ele ocupa fora de mim [...]” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 23). Para Bakhtin,

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplando sem perder a originalidade deste. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 23).

Segundo o autor, devemos entrar em certa *empatia* com o outro, entendermos e vermos o real axiologicamente da forma como o outro o vê, colocarmo-nos no lugar do outro, e, após termos retornado ao nosso lugar, completar o horizonte do outro por meio do excedente de visão que do nosso lugar se descortina fora do lugar de outrem, criar para este outro um ambiente concludente a partir do nosso próprio excedente de visão, do nosso conhecimento e da nossa vontade. Com isso, entendemos que enquanto a cronotopia é a relação de tempo e de espaço na construção de índices de inteligibilidade do concreto na situação, a exotopia é a distância que permite a criação. Em síntese,

A diferença entre o conceito de cronotopo e o de exotopia não constitui uma contradição. Quando Bakhtin retoma, no texto dedicado ao conceito de cronotopo, a questão da criação e do lugar do autor, as ideias apresentadas no texto dedicado ao conceito de exotopia permanecem as mesmas. Ele distingue o tempo que representa do tempo representado para responder à seguinte questão: a partir de que ponto espaço-temporal o autor considera os acontecimentos que narra? Responde, então, reafirmando enfaticamente o conceito de exotopia, embora sem nomeá-lo [...]. O conceito de exotopia trata da questão da criação individual [...]. O conceito de cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem. (AMORIM, 2006, p. 104-105)

Bakhtin, cronotopia e os estudos literários: questão do *grande tempo*

Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. [...] Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade. (BAKHTIN, 2003[1979], p. XXXIV).

Quando avaliam seu dia-a-dia, a sua atualidade, as pessoas tendem sempre a cometer erros (nesse ou naquele sentido). E isso deve ser levado em conta. Ainda assim vou tentar responder. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 359)

De acordo com Bakhtin (2003[1979]), os estudos literários deveriam estabelecer um vínculo dialógico mais íntimo com a cultura e sua história. Considerando a literatura como parte inseparável da cultura, o autor entendia que esta não poderia ser compreendida, estudada distanciada de toda uma cultura e de sua época. “É inaceitável separá-la [a literatura] do restante da cultura e, [...] ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, por assim dizer, passando por cima da cultura.” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 360). Esses fatores, segundo o autor, agem de forma totalizante na cultura e é só por meio dela e integrado a ela que influenciam a literatura. Como já reiterado, em termos bakhtinianos, literatura e cultura são indissolúveis.

Se não se pode estudar a literatura isolada de toda a cultura de uma época, é ainda mais nocivo fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada atualidade. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 362).

Geralmente, os estudos literários centram-se em explicar um autor (escritor) e suas obras precisamente a partir da sua própria atualidade, no âmbito de uma determinada época. Contudo, sob a ótica bakhtiniana, as obras dissolvem as fronteiras do seu tempo e espaço atual, elas vivem nos séculos, em longos processos de amadurecimento, como explica o autor:

Quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos. O fechamento em uma época não permite compreender a futura vida da obra nos séculos subsequentes; essa vida se apresenta como um paradoxo qualquer. As obras dissolvem fronteiras da sua

época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e, além disso, levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade. [...] Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 362-363, grifos do autor).

[...] uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no *grande tempo*. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 364, grifos do autor).

Como percebido, para Bakhtin, os estudos literários deveriam relacionar literatura com a cultura e sua história. Ou como afirma o autor, de forma sintética, quanto à sua avaliação das futuras perspectivas de desenvolvimento dos nossos estudos literários: “acho que elas são bastante boas [...]. Só nos falta a ousadia científica, investigatória, *sem a qual não conseguiremos nos colocar nas alturas nem descer às profundezas.*” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 366, grifos nossos).

Considerações finais

O que procuramos nesse breve ensaio foi discutir, a partir de um caminho de idas e vidas aos postulados bakhtinianos, o conceito de cronotopo. Revisitamos os achados do Círculo sobre o contexto de François Rabelais, assim como as discussões do grupo sobre exotopia e a relação entre os estudos literários e a cultura. Chegamos ao final ainda com incertezas, pois mesmo entre posições singulares e discussões aparentemente precisas, não encontramos lugar para o absoluto: ousadias do “grande tempo”.

Referências

- AMORIM, M. *Cronotopo e exotopia*. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: contexto, 2006, p. 95 -114.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São

Paulo/Brasília: Hucitec, 2008b[1965].

_____**Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

_____**Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora F. Bernadini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior et al. 4. ed. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1998[1975].

RODRIGUES. Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.